

EU, O OUTRO E NÓS: OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA OS ANOS INICIAIS



Rodrigo de Brito dos Santos

Maria Cristina Ferreira dos Santos

Rio de Janeiro

2020

***EU, O OUTRO E NÓS;
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA OS ANOS
INICIAIS***

***A CONTRIBUIÇÃO DE DIFERENTES LINGUAGENS PARA A
CONSTRUÇÃO DAS NOÇÕES DE GÊNERO, MASCULINIDADE E
DIFERENÇA***

Rodrigo de Brito dos Santos
Maria Cristina Ferreira dos Santos

2020

Rio de Janeiro, RJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

S237 Santos, Rodrigo de Brito dos; Santos, Maria Cristina Ferreira dos.

Eu, o outro e nós: oficinas pedagógicas para os anos iniciais / Rodrigo de Brito dos Santos, Maria Cristina Ferreira dos Santos. - 2020.

51 p. : il.

Produto desenvolvido no Mestrado Profissional do PPGEB – CAp/UERJ.

ISBN: 978-65-88405-02-4

1. Ensino primário. 2. Educação inclusiva. 3. Identidade de gênero na educação. I. Santos, Maria Cristina Ferreira dos. II. Título.

CDU 372.4

Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).



Eu, o outro e nós

O produto educacional intitulado **"Eu, o outro e nós: oficinas pedagógicas para os anos iniciais"** foi desenvolvido no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o objetivo de elaboração de material com orientações didáticas para auxiliar professores em suas práticas na escola e em funções da gestão escolar, com experiências e possibilidades de constituição de olhares em relação ao trabalho planejado e desenvolvido nos ambientes educativos.

Este material pode ser utilizado por estudantes e professores da Educação Básica e de cursos de formação de professores, oferecendo atividades práticas para a discussão de conceitos relacionados às relações humanas e interações vividas desde a etapa inicial de escolaridade, visando à ampliação do exercício da tolerância em relação às diversas configurações e representações dos contextos socioculturais nos quais crianças e jovens interagem, propondo análises a partir de narrativas, experiências e (des) construções de padrões e relações com outros sujeitos.

Com a contribuição de diferentes linguagens e aspectos interdisciplinares na abordagem deste material, ancoram-se possibilidades de utilização de estratégias didáticas diante de oportunidades de discussão de temáticas de gênero, sexualidade, masculinidade, diversidade, inclusão e diferença na sala de aula, redimensionando valores e saberes em experiências escolares.

Este produto educacional foi elaborado a partir da prática profissional e aplicado a estudantes de um curso de formação de professores em nível médio. Ele pode ser replicado em diferentes sistemas educacionais.

Rodrigo de Brito dos Santos

Maria Cristina Ferreira dos Santos

Rodrigo de Brito dos Santos



Mestre pelo Programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Gestão Educacional (Administração, Supervisão e Orientação Educacional), Educação Especial, Educação Inclusiva e Diversidade e Arte Educação. Licenciado em Pedagogia e Educação Artística/habilitação Artes Plásticas, Rodrigo tem experiência como Professor na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Especial, em Disciplinas Pedagógicas no Curso de Formação de Professores no Ensino Normal, e nas funções de Coordenador Pedagógico e Orientador Educacional. Ele participa do Grupo de Pesquisa Ensino, Formação, Currículos e Culturas na UERJ.

Maria Cristina Ferreira dos Santos



Professora e pesquisadora atuante na educação básica, graduação e pós-graduação no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Formação, Currículos e Culturas na UERJ, ela desenvolve pesquisas com ênfase em currículo, formação docente, ensino de Ciências e Biologia e práticas interdisciplinares na educação básica.



APRESENTAÇÃO

Caro Educador,
Cara Educadora,

Este material de apoio pedagógico foi organizado com o objetivo de valorizar conhecimentos e saberes acerca de experiências diante de abordagens sobre gênero, sexualidade, diferença, diversidade, identidade inclusão e masculinidade, bem como ampliar saberes diante do que os alunos podem vivenciar, ampliando a possibilidade de atuação docente diante de possíveis dilemas a serem enfrentados na escola e, sobretudo, em sala de aula.

Nele serão incentivadas reflexões sobre estas temáticas, bem como a organização de atividades que ampliem e articulem subsídios para entender conceitos e considerar o espaço escolar como um dos primeiros a oportunizar projetos e atividades de reflexão e conscientização de padrões que possam ser estabelecidos e constituídos homogeneamente para os estudantes, com a possibilidade da ampliação de situações que se diferenciem daquelas usualmente vivenciadas.

As oficinas neste material apresentam uma abordagem com elementos lúdicos, literários e artísticos, ressaltando saberes e indagações dos estudantes em possibilidades pedagógicas para além da sala de aula, também de contextualização com o cotidiano com o qual vai articular - a ser construído por meio de formas diversas de planejamento e desenvolvimento, sobretudo com a leitura e literatura.

Nas diferentes etapas da educação básica, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental, as temáticas podem ser organizadas de

diferentes maneiras, com múltiplas estratégias e variadas linguagens. A discussão pode ser complexa na/para a docência e suas abordagens, e a fundamentação teórica e o incentivo à pesquisa e à problematização podem auxiliar na mediação de situações conflituosas.

Embora desenvolvido para esta etapa, há a possibilidade de utilizarmos esta proposta em outros níveis de ensino com as respectivas adaptações e contextos do público atendido, da profundidade na abordagem, contextos da localização da escola, da faixa etária e de oportunidades de complementar e programar atividades que merecem atenção nos espaços educativos.

Quanto mais ricas forem suas leituras e conexões com o proposto neste material, com vídeos, artigos, obras literárias ou artísticas ou ainda outros recursos favoráveis ao atendimento de uma necessidade, maiores serão as possibilidades de constituir novos saberes com a utilização e interpretação das oficinas.

Os autores convidam os leitores e leitoras a percorrer as páginas deste material didático e acompanhar as propostas didático-pedagógicas elaboradas para tratar destas temáticas na educação básica. Esperamos que as oficinas possam contribuir para o ensino e a formação nas escolas.

Rodrigo de Brito dos Santos

Maria Cristina Ferreira dos Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Conversas sobre o currículo escolar	12
1.2 Masculinidades e gêneros na escola: construtos para e na docência	16
1.3 Literatura, letramento e linguagens: contribuições para a pesquisa	19
PARTE II - OFICINAS PEDAGÓGICAS	23
A organização da oficina e a interface com a prática pedagógica	24
2.1 Oficina 1: contos e corpos em ação	25
2.2 Oficina 2: uma turma muito especial	29
2.3 Oficina 3: a escola que eu quero pra mim	32
2.4 Oficina 4: homem chora?	35
2.5 Oficina 5: trocando papéis	38
2.6 Oficina 6: coisas de menino, coisas de menina	42
PARA NÃO CONCLUIR	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
OUTRAS LEITURAS	49

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de socialização e construção de valores, está em constante transformação, pois recebe, elabora e, cotidianamente, tem a responsabilidade de acompanhar novas exigências, demandas e também lidar com diferentes sujeitos e suas experiências, dúvidas, comportamentos e expressões diversas, que se constituem como pontos de reflexão e ação para que o espaço educativo seja e tenha sempre a preocupação de formar, valorizar e, junto a seus atores, auxiliar cada aprendi, em condições sociais, culturais, etárias, psicológicas.

As atividades apresentadas serão oportunidades de impulsionar vivências acerca de temáticas com as quais os estudantes podem desenvolver um repertório rico e diversificado de necessidades e dificuldades do grupo discente, exigindo que a docência busque formas variadas de respostas seja com a literatura, o teatro, o audiovisual, a imagem, perpassando ainda por oficinas e atividades articuladas e sequenciadas, com o foco prioritariamente, de conexão entre uma ou mais áreas do conhecimento frente ao que é apresentado e como é vivido pelo coletivo.

Nos diferentes segmentos, em especial na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o desenvolvimento de atividades possibilita redimensionar a mobilização de recursos e estratégias que minimizem dificuldades de interação e convivência com "o outro" na escola.

Este material de apoio docente visa auxiliar na reflexão acerca do trabalho desenvolvido, podendo ser adaptado e reformulado, dando aos docentes possibilidades novas da utilização e abrangências. Ele apresenta contribuições teóricas e práticas, possibilitando desenvolver habilidades

como sublinhar e estabelecer relações que entrelaçam conteúdos, atividades práticas e variantes formas de construir e sensibilizar.

As imagens neste material são de domínio público e foram retiradas dos sítios DREAMSTIME e FREEPIK.

PARTE I -

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



1.1 Conversas sobre o currículo escolar

Diversas contribuições de estudos sobre o currículo colaboram com a multiplicidade de sentidos atribuídos ao mesmo, as conexões oportunizadas e incorporadas pelo exercício docente e sua relação com a legislação educacional e como as propostas curriculares estão presentes na formação e ação docentes, problematizando dispositivos de controle e regulação.

O desdobramento de um olhar refinado para as possibilidades de construções curriculares e para o reconhecimento do discente como sujeito e protagonista de um ou mais grupos sociais nos mobiliza a ajustar os papéis e as funções que podem se apresentar de modo silenciado ou contingenciado.

Neste sentido, a organização de currículos para cada segmento da educação básica reunirá matizes das diversas áreas, com relações entre a parte diversificada e comum, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e de documentos orientadores como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que trazem discussões sobre o que é relevante de ser constituído como elemento constituinte no processo de desenvolvimento e aprendizagem, bem como na formação crítica e cidadã dos alunos em toda a educação básica.

Gabriel (2008) destaca a relevância da produção de novos significados, da construção do conhecimento na escola, da articulação com o que é os alunos aprendem e como aprendem dentro e fora da sala de aula, e acesso ao conhecimento escolar por uma parte da população, da construção de uma ação educativa que caminhe para a intervenção e da visão de seu papel na sociedade. A autora aponta ainda que:

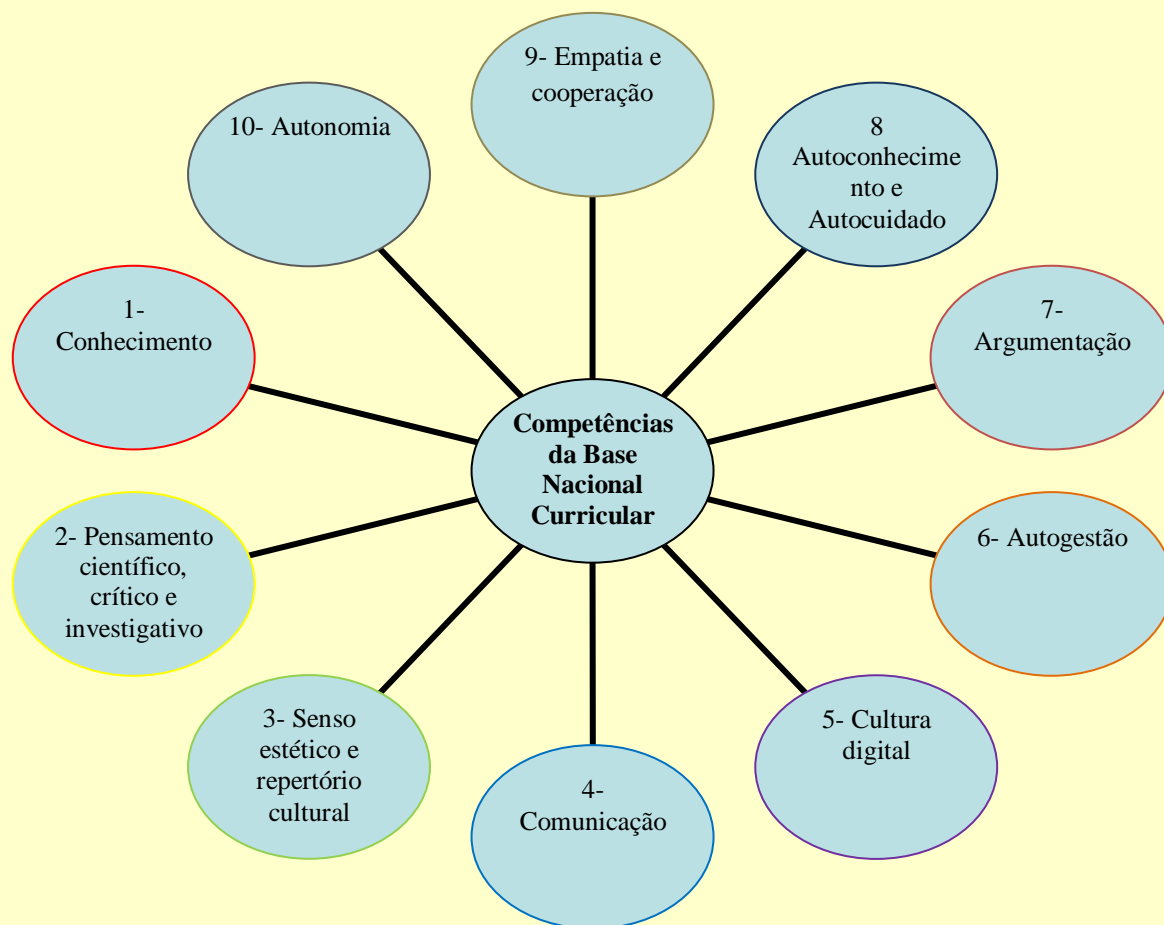
Tempos, pois, de ambivalência, de múltiplos sentidos em movimento, de decisões na incerteza, de subversões, de hegemonias contingenciais, de um presente com novas propostas de equacionamento das tensões entre campos de experiência e horizontes de expectativas (GABRIEL, 2008, p. 215).

Questões contemporâneas têm relevância no currículo escolar, como as que envolvem a leitura do cotidiano e a escrita de histórias e trajetórias carregadas de conflitos, mas também de perspectivas com, sobre e para os sujeitos com o qual interagimos.

Abordagens na escola que se debruçam sobre a diferença e a identidade podem contribuir desde o início da escolarização conforme expresso e incentivado pelas diretrizes atuais, quando sinalizam a abordagem sobre o eu e o outro como um dos cinco campos de experiência para a educação infantil, à luz da atual BNCC - Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2019, p. 30).

Para a educação básica, são explicitadas dez competências gerais que poderão articular-se ao proposto e planejado para uma atividade ou situação de aprendizagem, ampliando e articulando saberes a oportunidades onde os alunos assumam um posicionamento importante diante de uma situação propícia e mudança, construção ou revisão de conceitos e atitudes.

As dez competências expressam atitudes esperadas em diversas áreas para a constituição integral do estudante, como representado adiante:

Figura 1 - Competências da BNCC

Fonte: MEC, 2019

Ao conquistarmos a inserção da vez, das vozes dos alunos e de circunstâncias que os fazem ler o mundo com uma idade que muitos achem "inferior", oportunizaremos narrativas que condizem com percepções complexas sobre o modo como processos e contextos são direcionados a uma necessidade ou experiência.

Entende-se que uma atividade escolar pode promover a inclusão, quando alcançamos ou resgatamos vivências positivas ou negativas de nossos alunos em contextos individuais, coletivos em âmbitos culturais e sociais que pareçam "divergir" do normal e ou do comumente aceito, entendendo que a

pesquisa e o ensino ultrapassem o espaço físico da escola e consolidem novas atitudes favoráveis às relações humanas.

Para a efetiva ampliação dos preceitos da educação inclusiva e do acolhimento a todo e qualquer indivíduo, temos o expresso na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, art. 3º), ressaltando que um dos princípios da educação é a “[...] igualdade de condições para acesso e permanência na escola”, garantindo também “[...] respeito à liberdade e apreço à tolerância”, outro princípio expresso pela legislação vigente e que colabore para ressaltar ética em posturas e práticas que efetivem respeito favorável à premissa de abordagem e discussão de temas com maior sensibilidade.

A escola inclusiva é aquela que reflete a valorização de práticas que revisitem diferentes cenários com estudantes e elementos internos e externos ao ambiente escolar.

Registre aqui as principais ideias sobre o currículo escolar



1.2 Masculinidades e gêneros na escola: construtos para e na docência

Pesquisas impulsionam a discussão sobre gêneros e masculinidades e a compreensão dos múltiplos sentidos atribuídos a estes conceitos em diversas áreas, circunstanciando uma pluralidade e percorrendo diferentes espaços e âmbitos, "[...] como estas concepções se articulam de forma a serem tomadas como 'verdades'" (PEREIRA; FILHO, 2009, p. 1).

Impulsionando abordagens de práticas e de materiais de apoio pedagógico, enquanto instrumentos de amplitude do que é e como é definido, entendido e analisado diante das percepções sobre as construções de identidade e representações social, cultural e sexual dos alunos.

Meyer (2010) desnaturaliza o binarismo na construção de identidades e pontua:

[...] existem diversas e conflitantes formas de sentir e viver a masculinidade e a feminilidade; sendo assim, visões essencialistas e universais que buscam delimitar o que é ser homem ou ser mulher começam a ser consideradas simplistas (MEYER, 2010, p. 560).

Tais nuances ampliam e podem ajustar nosso olhar diante do outro, sendo, ainda, uma oportunidade de incentivar a reflexão e o debate com aqueles que são ou se percebem diferentes ou não, mas pertencentes a um espaço social com grupos sociais. E é na amplitude de identidades que podem ser ampliados saberes e instrumentalizadas ações.

Na perspectiva de valorização e mobilização da diferença e diversidade na escola, “[...] torna-se imprescindível perceber as articulações de gênero com outros marcadores sociais como: classe, raça-etnia, sexualidade, geração, nacionalidade, entre outros” (JAEGER; JAQUES 2017, p. 560).

Compreende-se que marcas do biológico impregnam narrativas, atitudes e citações trazendo implicitamente, um repertório talvez não divulgado de modo dialógico e preventivo nas instituições estudantes, inviabilizando conexões e construtos desejáveis em ambientes educativos diversos.

Para pensar esse tema, Lopes e Nascimento (2012 apud LOPES, p. 4) complementam a reflexão, ao evocar o conceito de gênero “[...] compreendido em uma dimensão ampla, no plano das relações sociais e o entendimento de que seu sentido geral é cultural, construído a partir de relações sociais e históricas nas quais o sujeito está envolvido”. As autoras apontam ainda que o estudo das relações sociais, na perspectiva de gênero, possibilita identificar que também o homem sofre consequências da relação dominação-exploração, no controle das situações, a manutenção da racionalidade, o papel de provedor e o controle emocional, por exemplo, inibindo processos afetivos que social e historicamente foram designados à dimensão do feminino.

Estas construções variadas servem de meio para a interlocução de práticas pedagógicas que visem à sensibilização de crianças e jovens sobre o tema, para a discussão desta e fortalecimento da identidade e valorização da diversidade na constituição dos sujeitos e da inserção no grupo ao qual pertencem e agem, produzindo de forma ímpar, sentidos, significados e contextos com autoria e representatividade.

Registre adiante as principais ideias sobre gênero e masculinidade:



1.3 - Literatura, letramento e linguagens: contribuições para a pesquisa

Costa (2009, p. 16) conceitua o entendimento da literatura como o que “[...] está presente em uma obra e que tem como característica um contexto criado ou texto a ser dramatizado, com sonoridade em seus versos. Na visão da autora há algumas conexões entre literatura e a arte da palavra, a estética e o imaginário”. No âmbito da individualidade ou da coletividade há uma interação primeira entre obra e leitor, que por sua vez:

[...] desenvolve comportamento e mobiliza sentimentos e outras expressões à medida que lê. Posteriormente, ampliam-se no coletivo debates, com o intuito de ampliar as percepções e intercâmbios de comunicação cada vez mais complexos (COSTA, 2009, p. 23).

Ainda na visão da autora (ibidem, p. 64) além de ampliar a comunicação, a citação traz a possibilidade de atendimento a outros dispositivos da literatura são por ela destacados: “[...] os impactos que podem abranger através da interação do leitor através do contato com o que é expresso por escrito ou oralmente”.

Desta forma podemos explorar elementos favoráveis à alfabetização visual, compreendendo que hipóteses são construídas a partir

de vivências informais dos alunos e de outras conexões com a ilustração, como defende a autora.

Diante do que é proposto junto a uma intencionalidade pedagógica, a autora parte da premissa de que a docência não pode deixar de valorizar os textos que exploram recursos visuais e auditivos, pois os mesmos não são instrumentos de comunicação momentâneos.

Para além de codificar letras e sons, temos a ampliação de conceitos, contextualização de significados e sentidos. Soares (2000, p. 47), define o conceito de *letramento* como: “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, em consequência de ter se apropriado da escrita”.

Considerando que o aprendiz mobiliza diferentes movimentos como levantamento de hipóteses, ampliação de conceitos de modo individual ou coletivo, ou ainda não tenha segurança para expressar o que pensa, o mesmo lida coletivamente com experiências diversos na escola, em casa ou em outros ambientes e espaços não formais se constituem como currículo, já que expressam saberes que poderão ser ampliados em sua relação e formação coletiva. O conceito de *multiletramentos* difundido por Rojo e Almeida (2012, p. 13) aponta para: “[...] dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades: a cultural, e a semiótica por meio dos quais ela tem acesso e divulga uma informação”.

As experiências “do cotidiano” indicam que vivências contribuem para a mudança de comportamento e diante da sensibilidade de como, por que e o que abordar é preciso considerar também que a faixa etária desempenha um fator elementar no encaminhamento das indagações, esperando que outras ações não esperadas se revelem em um espaço propício a saberes.

Diante das temáticas de gênero, sexualidade, diferença, diversidade e masculinidade que compõem a parte prática deste material,

existe a possibilidade de constituir espaços favoráveis para que os alunos percebam e interagem em seu cotidiano, pensando neste produto educacional como instrumento inicialmente de colheita de percepções relatadas pelos alunos e a busca de como se constituirão as abordagens respectivas.

Candau (2011, p. 241) colabora com esta discussão ao apontar que "[...] as diferenças culturais - étnicas, de gênero, orientação sexual [...] - se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, sabores, crenças e outros modos de expressão".

A partir das conexões da leitura e da literatura pode-se oportunizar maior contato de intercâmbios sociais e culturais, envolvendo leitura, escrita e oralidade e, para alcançarmos conquistas, se faz necessária a articulação com as orientações curriculares presentes e nas possibilidades que a escola o professor tem de organizar seu trabalho pedagógico.

Para Cortelazzo e Romanowsky (2007, p. 24), na formação docente "[...] a pesquisa assume papel instrumentalizador, em especial nos cursos de formação inicial, pois, simultaneamente, na constituição da profissionalização docente há o desenvolvimento de competências e experiências para a aplicabilidade da pesquisa".

Ainda na visão das autoras, o ato de pesquisar auxilia na constituição de suporte e subsídios inerentes à docência, desenvolvendo construtos com relevante diálogo com a prática pedagógica. Ao debruçar sobre a prática, há a oportunidade de difundir as fronteiras diante de um tema, com aproximações entre o que se planeja e o que se realiza e a possibilidade de colaborar com discursos sobre um objeto de estudo, com retorno para a comunidade pesquisada. As autoras acrescentam que:

A possibilidade da pesquisa e prática profissional na escola da comunidade em que está inserida, permite ao aluno que será professor apresentar novas perspectivas para o professor que está

ensinando, convidando-o a investigar, a questionar, a confrontar e a publicar suas descobertas. (CORTELAZZO; ROMANOWSKY, 2007, p. 32).

A inquietação, o interesse e a curiosidade do pesquisador impulsionam o estudo e o atendimento a questionamentos, baseada em fundamentação teórica e metodologias de pesquisa consistentes.

Para a construção do conhecimento por meio do ato educativo, torna-se primordial compreender a escola como um espaço de transformação e reflexão na busca de outros olhares sobre a educação básica e seus desdobramentos no cotidiano; educação e sociedade articuladas, com base em uma abordagem pedagógica.

Registre adiante as principais ideias sobre literatura, letramento e linguagens, com contribuições para a pesquisa:

PARTE II

OFICINAS PEDAGÓGICAS

SUBSÍDIOS PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A organização da oficina e a interface com a prática pedagógica

A opção pela literatura infantil é um dos recursos necessários para a formação dos conceitos de identidade, diversidade, diferença, inclusão, gênero e masculinidade junto ao que a constituição de saberes relevantes na formação dos estudantes - em especial na faixa etária destinada para a proposta da oficina pode ser complementada com o que surgir, fizer significado e constituir aprendizado junto aos aprendizes.

Lüdke (2015, p. 28), por sua vez, acentua a relação entre professor e pesquisa, ressaltando que a produção de novos conhecimentos e a formação são consideradas relevantes "[...] por profissionais que participam da formação de docentes, em cursos de licenciatura e de ensino médio para o magistério".

Xavier (2012) acrescenta que "[...] novas formas de constituição de ser masculino e de ser feminino devem ser proporcionadas e permitidas nas instituições educativas". Nos relatos há uma diversidade de estratégias para abordar um tema e, para alguns docentes, saberes e fazeres se refletem nos conhecimentos a serem aprendidos pelos alunos, de forma complementar à formação docente em nível médio.

Os professores podem estabelecer novas contribuições educacionais na escola com recursos e materiais que subsidiam uma prática que revisa, contextualiza, reconstrói saberes na produção curricular. Assim, "[...] a pesquisa tem relação intrínseca ao exercício docente, desde o efetivo trabalho docente, na construção de formas de constituição de currículo e no processo de ensino, propriamente dito" (CORTELAZZO; ROMANOWSKI, 2007, p. 25).



OFICINA 1: CONTOS E CORPOS EM AÇÃO

Áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Naturais e Linguagem¹

Introdução

Vivemos em uma sociedade que, embora seja cada vez mais globalizada e plural, é marcada por atitudes discriminatórias, preconceituosas e conflitantes entre diferentes grupos socioculturais.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é importante respeitar os diferentes grupos e suas culturas, em que pessoas de diferentes famílias, sociedades, classes sociais, se reúnem e interagem. Essa diversidade de visões, de atitudes, de conceitos, de modos de agir devem ser vistos como elementos da pluralidade cultural.

¹ Competências da BNCC contempladas: Empatia e cooperação e Autonomia

Objetivos

- Problematizar concepções naturalizadas e desconstruir atividades e papéis sociais relacionados ao gênero no cotidiano familiar.
- Desconstruir atitudes discriminatórias acerca dos corpos e ações referentes ao masculino e ao feminino à luz da literatura infantil.
- Fomentar a construção de novos olhares acerca da estética do corpo e da e da sexualidade nas relações familiares, sociais ou de forma diversa.

Justificativa

Crianças, jovens e adultos carregam uma bagagem sociocultural e as reflexões sobre esta problemática na escola podem interferir na relação social e interpessoal entre os alunos e os agentes educativos escolares, entre suas famílias, entre os alunos, a escola e a sociedade. Reflexões nos ajudam a dialogar com essas diferenças e captar a riqueza da diversidade em seus matizes.

O modo pelo qual estudantes e educadores entendem, abordam e refletem sobre estes conceitos contribui para articular novas formas de organizar o trabalho de modo pedagógico, mediando situações, expressões e comportamentos desrespeitosos e intolerantes.

Desenvolvendo a atividade

Com os alunos sentados em círculo, inicialmente será realizada a contação da história da Cinderela com a aproximação das tarefas domésticas e dos papéis de quem usualmente as realiza no contexto de cada aluno estabelecendo relação com a história. As respostas dos alunos serão organizadas em um quadro:

Quadro 1. Tarefas domésticas e parentes ou pessoas que as realizam.

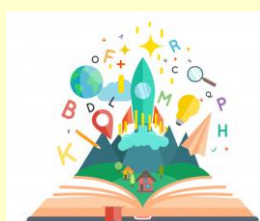
Tarefas domésticas	Pessoas do gênero masculino	Pessoas do gênero feminino
Lavar roupas		
Tomar conta dos filhos		
Arrumar a casa		
Tomada de decisões		
Outras atividades		
Outras atividades		

Em continuidade, será contada a versão do livro **Príncipe Ciderelo**², no formato em desenho, conversando sobre as atividades que o personagem realiza e quais as crianças fariam ou não no lugar do "Príncipe" existisse atualmente. Em seguida, será realizado um debate sobre quem é o príncipe para cada um dos alunos e o que é ser príncipe. No final será realizada a dramatização da história com outras atividades que eles relatarem que os homens que convivem com eles fazem.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GQph4UgrXbE>

Avaliação

Na avaliação serão consideradas as situações positivas ou negativas vivenciadas pelos alunos em relação em seu contexto social/familiar no que concerne à temática da diversidade no desempenho de papéis/funções nas relações em que ele está inserido e reflexões sobre concepções que se apresentavam como naturalizadas.



Bibliografia

- COLLE, Babette. **Príncipe Cinderelo**. Martins Editora, 2000.

Leitura Complementar

RAMOS, Ana Cláudia. **O fado padrinho, o bruxo afilhado e outras coisinhas mais**. Ed. Prumo, 2009, 31 p.

Sinopse: Para o menino Luar, a ideia de se tornar um fado madrinho é simplesmente perfeita para realizar seu desejo de ajudar todas as pessoas do mundo que precisam de uma forcinha. Ele não se importa com a visão de que ser fada madrinha é "coisa de menina".



OFICINA 2: UMA TURMA MUITO ESPECIAL

Áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Linguagem³

Introdução

A escola é um espaço plural, onde são estabelecidas regras de convívio e de respeito à diversidade, sejam elas; de gênero, físicas, emocionais, cognitivas, culturais, sociais, entre outras. Por meio da literatura é possível auxiliar os alunos na mobilização do respeito às construções individuais parecidas ou opostas às suas.

Objetivo

Educar para o respeito à diferença de cada pessoa, com incentivo à curiosidade e criticidade diante da opinião dos demais colegas acerca do que for problematizado no coletivo.

³ Competências da BNCC contempladas: Empatia e cooperação e autonomia

Justificativa

Conhecer e aprofundar conhecimentos acerca da identidade e da individualidade na contemporaneidade, como elemento para incentivar a autoestima e minimizar a violência e/ou intimidação, buscando ampliar as percepções sobre o outro.

Desenvolvendo a atividade

Será realizada a leitura do poema ou a contação da obra "Diversidade", de Tatiana Belink. Em seguida, serão apresentadas aos alunos algumas características que aparecem no texto e estes serão solicitados a falar sobre elas, caso se identifiquem com alguma.

Em seguida, os estudantes serão solicitados a realizar uma produção textual coletiva em que as qualidades serão substituídas pelos nomes dos alunos e uma atividade de recorte de silhuetas de crianças. No final será feito um cartaz coletivo com as silhuetas dos alunos.

Avaliação

A avaliação será realizada em relação à sensibilização do aluno para aceitar suas características, encorajando-o também a manifestar desejos, necessidade e frustrações, construindo assim a percepção do que é melhor emocionalmente para ele, relacionando à sua autoestima.



Bibliografia

Belinky, Tatiana. **Diversidade**. Rio de Janeiro, FTD, 2001.

Leitura Complementar

BORGES, Rose. **Tão diferentes**. Editora Franco, 2016. 24 p.

Sinopse: A obra apresenta perspectivas de diferença, comparando as atitudes dos animais às de seres humanos e incentivando a diversidade e a tolerância.



OFICINA 3: A ESCOLA QUE EU QUERO PRA MIM

Áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Naturais e Linguagem⁴

Introdução

Enquanto espaço de articulações de sentidos, anseios, dificuldades, traumas e outras situações, a escola pode se transformar em um palco de confrontos acerca de como os alunos compartilham suas percepções nas relações. Mas o que se espera de um espaço como este? Que leituras os alunos constroem da e na escola? Que obstáculos eles foram preparados a enfrentar? Quais os dilemas ou medos que eles têm ao frequentar este espaço? Quais expectativas e aspirações constroem?

⁴ Competências da BNCC contempladas: Comunicação e argumentação

Objetivos

Levantar visões e ampliar olhares sobre o que é a escola, enquanto espaço de saberes e sentidos, compreendendo qual escola o aluno vislumbra na perspectiva de uma atuação inclusiva.

Justificativa

Em um espaço propício à dialogicidade é relevante desenvolver nos alunos uma compreensão de escola enquanto um espaço de atividades e de processos de desenvolvimento de relações afetivas e de integração com colegas e professores.

Desenvolvimento da atividade

Inicialmente os alunos falarão sobre o que gostam e o que não gostam na própria escola. Depois será registrado em um bloco de papel ou no quadro todos os comentários levantados coletivamente e os alunos ilustrarão, no coletivo, como seria a planta/estrutura física desta escola "ideal". Em seguida será contada a história *A escola que eu quero pra mim* e os alunos farão marcações com o/a professor/a sobre os elementos apresentados pela obra e os que foram idealizados por eles.

Avaliação

O professor atentará para perceber se os alunos compreenderam a importância do cuidado, da tolerância na convivência humana no espaço

escolar e de sua preocupação consigo e com o outro, envolvendo aspectos socioemocionais, à medida que se posicionem.



Bibliografia

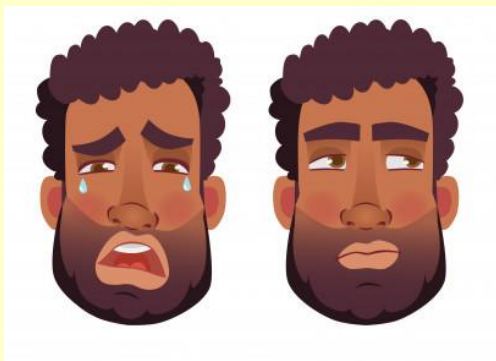
TAUBMAN, Andrea Viviana. **A escola que eu quero pra mim**. Editora Zit, 2018.

Leitura Complementar

TRINDADE, Kátia. **O que cabe no meu mundo: Respeito**. Editora Bom Bom Books, 2018, 16 p.

Sinopse: A obra aborda valores e atitudes necessários à constituição da cidadania, partindo de situações que ocorrem no cotidiano infantil.

OFICINA 4: HOMEM CHORA?



Áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Linguagem⁵

Introdução

Em diferentes sociedades são construídas representações acerca do masculino e do feminino sobre o modo de se comportar, o desempenho profissional, preferências e outros critérios que reforçam, de certa forma, a valorização da virilidade e a desvalorização da sensibilidade masculina. Como ficam as construções relacionadas aos sentimentos e à afetividade? É possível desconstruir estas noções ainda na infância? Como os pais mobilizam a educação dos filhos no que concerne à manifestação de seus comportamentos e emoções?

⁵ Competências da BNCC contempladas: Autoconhecimento e autocuidado e empatia e cooperação

Objetivos

Possibilitar a vivência de situações relacionadas ao cotidiano familiar ou escolar, no que se refere à constituição de representação de suas emoções e sentimentos.

Conhecer as representações sociais das meninas e meninos à luz do comportamento do responsável de referência para ele, oportunizando a expressão de cruzamentos e diferenças na construção de comportamentos com referências aos responsáveis pelo aluno, bem como a situações do cotidiano e à atitude de expressar sentimentos ou emoções.

Justificativa

Torna-se imperativo na formação da criança conhecer diferentes alternativas de como lidar ou compreender questões relacionadas a si ou aos adultos no que se refere a questões de sentimento/emoção em diferentes ambientes e contextos, construindo atitudes para uma melhor convivência.

Desenvolvimento da atividade

Será contada a história "Homem não chora", de Flávio de Souza, com o recurso de teatro de varas ou com fantoches, estimulando os alunos a assumir diferentes papéis dos personagens do texto, incluindo:

- Contextualizar a parte da história que aponta a dificuldade de ir à escola se estiver com problemas na convivência familiar e como as pessoas lidam com tal situação.

- Questionar se alguém já chorou escondido ou se já viu algum familiar chorando e como o aluno se comportou diante desta situação.

Poderão ser discutidas e contextualizadas diferentes representações sociais das emoções e os alunos poderão relatar “quando se sentem assim”, explicando situações que os representem em diferentes espaços sociais, buscando ampliar repertórios e justificativas de semelhanças e diferenças entre os relatos apresentados.

Avaliação

Perceber se o aluno compreende a importância de lidar com situações que exijam maior controle emocional, bem como conhecer e ampliar olhares sobre comportamentos e emoções nas relações que serão vivenciadas.



Bibliografia

SOUZA, Flávio de. **Homem não chora**. Rio de Janeiro, Formato, 1995.

Leitura Complementar

MARTINS, Georgina. **Tal pai, tal filho**. Coleção Dó-Ré-Mi-Fá. Editora Scipione, 2015.

Sinopse - Um menino decide se tornar bailarino, mas, para isso, precisa enfrentar o preconceito de seu próprio pai, que sempre lhe contou histórias de homens "cabras-machos" de sua terra.



OFICINA 5: TROCANDO PAPÉIS

Áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Naturais e Linguagem⁶

Introdução

As crianças vivenciam diversas situações e podem minimizar e elaborar estratégias pessoais para suavizar tensões. As vivências podem ampliar a segurança e o encorajamento dos alunos, entendendo que as semelhanças e diferenças entre as pessoas em situações cotidianas podem ser uma oportunidade para elaborar estratégias de mediação de conflitos.

Objetivo

Oportunizar a simulação de dilemas que os alunos podem vivenciar, como aqueles relacionados à identidade e/ou a questões pessoais, respeitando as características individuais.

⁶ Competências da BNCC contempladas: Pensamento científico, crítico e criativo e argumentação.

Justificativa

Oportunizar ao estudante vivenciar situações de conflito em sala de aula, em diferentes contextos, estimulando um posicionamento diante dos dilemas com os quais possa interagir, com base em experiências vivenciadas e que poderão ocorrer, adotando uma postura crítica e comparando à situação do personagem da história.

Desenvolvimento da atividade

Será contada a história: a zebrinha preocupada, que retrata a inclusão/adaptação de um animal que convive com outros. Na história os outros animais comentavam o fato de a personagem ter um corpo diferente dos demais e do papel de outro animal em auxiliar nessa situação, por também ser diferente de seu grupo.

Em seguida, na sala será proposta uma discussão sobre uma situação parecida na escola: os alunos relatarão situações que vivenciaram em que os colegas o excluíram: uso de óculos, tirar boas notas, ser tímido, ter cor de pele diferente, característica física diferente das demais, entre outras. Cada um será solicitado a explicar para os colegas o que sentiu e como é contar com um amigo que o ajuda em tal situação.

Avaliação

Será explicitado, em uma conversa com os alunos, como é possível compartilhar com alguém o que nos incomoda e ter a ajuda de outro(s),

ressaltando que, quando aprendemos a relativizar o que comentam ou dizem sobre nós, podemos ser mais confiantes.



Bibliografia

REIS, Lúcia. **A zebra preocupada**. Rio de Janeiro, FTD, 2001.

Leitura Complementar

MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida**. Ed. SM, 48 p.

Sinopse: Ângelo tem um irmão de cabelos lisos, uma mãe de cabelos ondulados e uma avó negra. Todos são diferentes e fazem parte da mesma família. Como isso é possível já que quase ninguém se parece? Com as indagações do protagonista da história, o leitor vai descobrindo com Ângelo que somos feitos da mistura de etnias, hábitos e tradições.



OFICINA 6: COISAS DE MENINO, COISAS DE MENINA

Áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Naturais e Linguagem⁷

Introdução

Meninos e meninas criam papéis e funções sociais com a imaginação e/ou uso de jogos simbólicos. Quando estes comportamentos ou características mudam com o desenvolvimento ou causam estranheza para grupos socioculturais com os quais eles interagem, há a oportunidade de colaborar com uma postura ética e investigativa, buscando propor reflexões sobre estereótipos acerca de papéis, corpos e representações acerca da feminilidade e da masculinidade.

⁷ Competências da BNCC contempladas: Autoconhecimento e autocuidado e Empatia e cooperação.

Objetivo

Ampliar as questões a serem confrontadas diante de papéis, brincadeiras e comportamentos naturalizados para meninos e meninas, ampliando as conexões entre eles.

Justificativa

Oportunizar uma leitura do aluno acerca de seu próprio desenvolvimento na fantasia/jogo simbólico, construindo semelhanças e ampliando novos olhares acerca do que pode ser considerado impróprio, desconcertante ou diferente na constituição de culturas e representações infantis à luz do brincar, do comportamento e/ou características pessoais/individuais.

Desenvolvimento da atividade

Será contada a história "A Menina e o Jogo de Bola", de Rosângela Trajano, que retrata a preferência de jogar futebol com os meninos e não gostar de usar vestidos e laços na cabeça. Em seguida, os alunos serão ouvidos sobre sua opinião acerca da história e da parte que mais gostaram, ressaltando a importância do esporte e da atividade física. Retrataremos imagens de mulheres e homens no esporte e será apresentada a composição de uma equipe esportiva, de forma que os alunos possam perceber que a mulher pode desempenhar diferentes papéis e funções no esporte. No final será simulado o treinamento de um time de futebol.

Avaliação

Serão discutidas a preparação, a competência e dedicação nas profissões, independente do gênero. Será também pontuada a aproximação com o contexto da história, pois os alunos poderão conhecer uma menina que joga futebol ou desempenhe uma atividade considerada "masculina". Em seguida, cada aluno será convidado a liderar o time de futebol e posteriormente experimentar a prática da atividade física.



Bibliografia

TRAJANO, Rosângela. *A Menina e o Jogo de Bola*. Metanoia, Rio de Janeiro, 2015. 24p.

Leitura Complementar

TRAJANO, Rosângela. *Um menino meio assim*. Metanoia, Rio de Janeiro, 2015.

Sinopse - A obra conta a história de Dudu, um menino de seis anos que adorava brincar de ser fada, princesa e, principalmente, bruxa. Os pais consideram seu comportamento anormal e tentam descobrir como mudar isso. Com a ajuda da avó, Dudu consegue superar os obstáculos e continuar brincando de ser e de sonhar.



Para não concluir

Se pensarmos em uma atuação ou intervenção didática que contemple as possibilidades de construção de conhecimento por parte do aluno, teremos múltiplas ferramentas para compreendermos aspectos que não foram mudados e outros que não são bem (ou nada) conhecidos ou explicitados. Na busca de saberes individuais e coletivos, mudanças podem ser realizadas no âmbito das instituições escolares, visando a novas perspectivas relacionadas ao desenvolvimento das potencialidades de todos os alunos.

Ao explicitarmos as percepções dos alunos, também ampliaremos singularidades, similaridades e complementaridades sobre as visões dos professores e professoras, que diretamente impactam no repertório do que discute em sala de aula.

Enfatizando a dimensão da pesquisa e da reinvenção da prática pedagógica no processo educacional, a escola pode auxiliar ampliando visões e incentivando mudanças acerca de estigmas, padrões e situações que os alunos

podem vivenciar em seus contextos familiar, social e escolar e em experiências desenvolvidas dentro e fora da escola.

Cabe aos profissionais da educação e do ensino lidar com os desafios de novos cenários educacionais, com trabalho coletivo, criativo e intensivo como forma de aprimorar o desenvolvimento dos estudantes, a percepção de si e do outro e a capacidade de lidar com o respeito e a diversidade nas relações que estabelecem.

A elaboração do presente material de apoio aos docentes visa permear perspectivas da atuação nos anos iniciais do ensino fundamental, com a finalidade de formar novos olhares acerca das percepções que tem de si, do outro e dos "nós" existentes.

Para isso é relevante reconhecer nos alunos a possibilidade de (re) construção de noções culturalmente ou socialmente instituídas, formando para o diálogo com as diferenças, a valorização da diversidade em espaços e contextos de relações humanas.

Esperamos que este material possa contribuir para a construção de uma educação ética, impactante, planejada e coerente com os ideais de uma sociedade mais humana, igualitária, sensibilizada e que ressalte a diversidade como pilar das interações humanas e constituidoras da identidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: www2.senado.leg.br.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CANDAU, V.M.F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CARLOTO, C. M. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Revista de Serviço Social**, v. 3, n.2, p. 201-214, 2001. Disponível em <http://www.ssrevista.uel.br>.

CORTELAZZO, I. B.C.; ROMANOWSKI, J.P. **Pesquisa e prática profissional: produção de textos**. Rio de Janeiro: IBPEX, 2007.

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino de Literatura Infantil**. Curitiba: IbpeX, 2007.

GABRIEL, C.T. Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo em "tempos pós". In: MOREIRA, A.F. B., CANDAU, V. M. (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, p. 1-13 Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998. Disponível

em: <http://cpu007782.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos>

GUIZZO, B. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil. **Revista Ártemis**, V.6, junho, p.38-48, 2007.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K.J. Masculinidades e docência na Educação Infantil. **Estudos Femininos**, v. 25, n. 2 maio/agosto, p. 545-570, 2017.

LOPES, Z. A.; NASCIMENTO, C. C. G. A inserção do professor na Educação Infantil: um estudo sobre as relações de gênero. In: VII Congresso Internacional de estudos sobre diversidade sexual e de gênero da ABEH. 2012. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9038>

_____. **Meninas para um lado, meninos para outro**: um estudo sobre representação social de gênero de educadores de creche. Campo Grande: UFMS, 2000.

LOURO, G. G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997

LUDKE, M. A complexa relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n3, p. 809-840, 2008.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9-27

PEREIRA, E.B.P.; FILHO, J.F. A Construção das masculinidades: os discursos e as imagens na Educação Física Infantil. **Revista Científica Internacional**, Ano 2, n. 8, s/p, Julho-Agosto, 2009.

ROJO, R.; ALMEIDA, E. M. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 264 p.

XAVIER, N. R.; ALMEIDA, B. C. Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina. **Horizontes - Revista da Educação**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2016.

OUTRAS LEITURAS

ALCÂNTARA, Ivan. **Todo mundo é igual**. Conversando sobre racismo. São Paulo. Escala Educacional, 2004.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Menina Não Entra**. Editora do Brasil, 2007.

CAMPOS, Carmem Lúcia. **A cor do preconceito**. São Paulo. Ática, 2007.

FALCONER, Ian. **Olivia Não Quer Ser Princesa**. Globinho, 2014.

LEITE, Márcia. **Olívia Tem Dois Papais**. Companhia das Letrinhas, 2010.

PERMAN, Alina. **Diferentes todos somos**. São Paulo. Edições: SM, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Gente bem diferente**. São Paulo. Quinteto Editorial, 2004.

MARTIN, Georgina. **Minha família é colorida**. Edições SM, 2005.

MURRAY, Rosana, **Manual da delicadeza de A a Z**. São Paulo. FTD, 2001.

PARR, Todd. **O Livro da paz**. São Paulo. Panda Books, 2004.

RAMOS, Ana Maria. **O Fado Padrinho, o Bruxo Afilhado e Outras Coisinhas Mais**. Prumu Editora, 2009.

ROCHA, Ruth. **Quem tem medo do ridículo**. São Paulo. Moderna, 2012.

WALDIR, Pedro. **Kaka, o gatinho sem amigos**. Rio de Janeiro. WAK Editora, 2009.



Sugestões de links:

<http://atividadesdatiaangelica.blogspot.com.br/2010/02/diversidade-autora-tatiana-belinky.html>

www.huffpostbrasil.com/2015/09/20/11-livros-infantis-que-discutem-genero-e-orientacao-sexual

<http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/10-livros-infantis-que-abordam-a-questao-da-diversidade/>

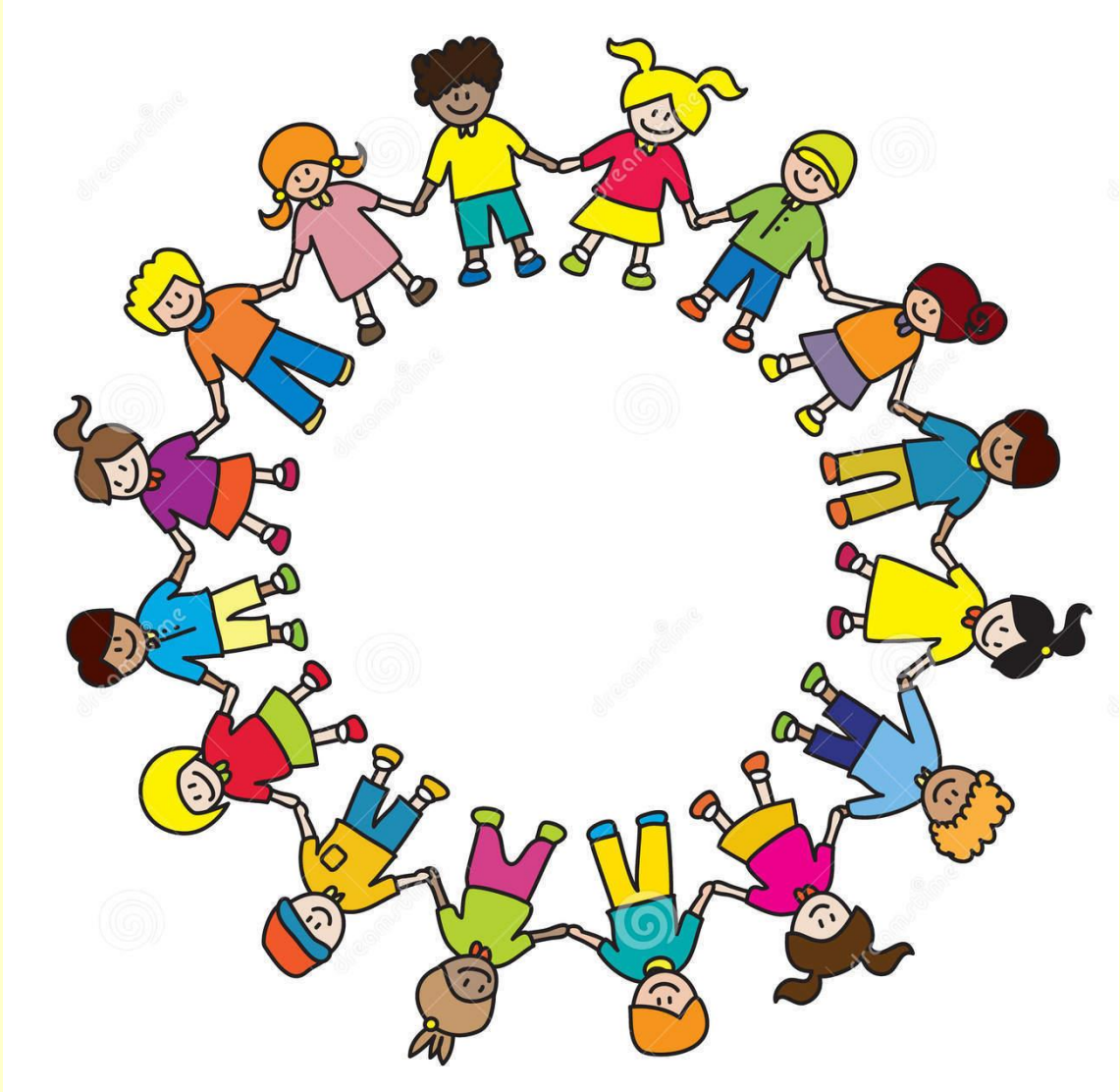
<https://emails.estadao.com.br/blogs/familia-plural/11-livros-infantis-sobre-diversidade-e-pluralidade-familiar-que-pais-e-escolas-deveriam-ter-em-suas-estantes/>

<https://www.youtube.com/watch?v=4qqXSFISHK0> Turma da Mônica em "Mônico" 7min08seg



Sugestões de vídeos

- **Um tira no Jardim de Infância 1.** Direção de Ivan Reitman. Estados Unidos: Universal Estúdios, 1990. 1 DVD (100 min) Livre
- **Um tira no Jardim de Infância 2.** Direção de Don Michael Paul. Estados Unidos: Universal Estúdios, 2016. 1 DVD (100 min) Livre
- **O fada do dente 1.** Direção de Michel Lembeck. Estados Unidos: Waldem Média, 2010. 1 DVD (101 min). Livre
- **O fada do dente 2.** Direção de Alex Zamm. Estados Unidos: Waldem Média, 2012. 1 DVD (90 min). Livre



ISBN: 978-65-88405-02-4



CDL

9 786588 405024